

Em torno da doutrina sartreana da conversão

Claudio Troncoso Barría¹

Universidad de Concepción - CHILE

Tradução do espanhol: Jorge Luis Gutiérrez - Mackenzie

"Há duas ordens: o homem do inferno e o homem salvo"

(*Cahiers pour une morale*², p. 577)

I

Numa das poucas notas que acompanham o texto do *L'Être et le Néant*³, Sartre refere-se explicitamente à possibilidade que a realidade humana tem frente a si de efetuar uma **conversão radical**, único alicerce para uma moral de liberação e salvação. Porém, essa possibilidade vem antecipada por uma outra nota, naquele lugar onde, após concluir que a boa-fé é finalmente alcançada pela má-fé, Sartre admite a possibilidade de escapar — também “radicalmente” - para esta última, para o que é necessário que a realidade humana advenha a uma existência **autêntica**⁴. Na conclusão do tratado de ontologia fenomenológica, a facticidade de esta conversão vem assinalada indiretamente pela mediação da atitude reflexiva não-cúmplice que a consciência pode assumir para encarar o problema moral. É essa classe de reflexão - chamada também “pura” ou “purificadora”⁵ - a que permite ao *para-si*⁶ lograr a conversão moral, isto é, se instalar num modo autêntico de existência - cujo sentido precisaremos mais adiante.

1

¹ Professor de filosofia na *Universidad de Concepción*, no Chile. É doutor em Filosofia e Ciências da educação pela *Universidad Complutense de Madrid*, com uma tese sobre “Libertad y mala fe: en torno a *Les Carnets de la drôle de guerre* y *Cahiers pour une morale* de Jean-Paul Sartre”. Autor do livro: *Sartre y el reto de la finitud: en torno a los escritos póstumos del filósofo*, Concepción, Ediciones Universidad de Concepción, 1996. Também é autor de um bom número de artigos publicados em varias revistas e jornais, especialmente sobre a temática de Sartre e dos escritos de Karl Popper.

² *Cahiers pour une morale* (Paris. Gallimard, 1983) é um dos escritos póstumos mais importantes de Sartre. Nele encontramos o que o filósofo deixou escrito com a intenção de fazer realidade a obra anunciada na frase final de *L'Être et le Néant*. Em adiante o citaremos por *Cahiers*.

³ Cf. *L'Être et le Néant, Essai d'ontologie phenomologique*, 1943 (Em adiante o citaremos por **EN**), Terceira parte, capítulo terceiro, final do item III.

⁴ cf. E.N. Primeira parte, capítulo dois. nota do item dois. No referente a má-fé, basicamente - lembremos - ela consiste numa peculiar condição da consciência na que ela tenta se enganar a si própria, para ocultar alguma verdade ou para fantasiar de verdade algum erro, seja porque a primeira lhe resulte desagradável ou porque este último lhe é de signo contrario. Principalmente, a má-fé está dirigida a ocultar ou distorcer a própria liberdade da realidade humana. Cf. **EN**. Primeira parte, capítulo dois.

⁵ Em *La Transcendance de L'Ego* (1936/37) e em *Esquisse d'une théorie des émotions* (1939) Sartre já recorria a esta dupla modalidade da consciência reflexiva.

Pois bem, no seu trabalho sobre o Ser e o Nada, Sartre consigna que a reflexão pura é a "simples presença do Para-si refletivo ao Para-si refletido, e é ao mesmo tempo forma originária da reflexão e sua forma ideal"⁷. Trata-se duma reflexão que, longe de estar previamente "dada", unicamente é alcançável por uma espécie de **catarsis**⁸. Frente a essa classe de reflexão temos aquela outra que surge primeiro na vida quotidiana: a reflexão **cúmplice** ou **constituente**⁹. A que, em lugar de se ater ao dado sem exceder os limites delineados pela descrição fenomenológica - próprio da reflexão pura -, capta o refletido como *em-si*¹⁰ para **ser** o refletido no modo da **coisa**. A noção de **psique** (sucessão de fatos psíquicos) descansaria, precisamente, nesta forma impura de reflexão, enquanto que orienta a pesquisa psicológica para o objeto que esta modalidade reflexiva oferece. Sobre a base da reflexão impura - outro nome para a reflexão cúmplice - surgirão "estados" psicológicos (amor, ódio, etc.), caracterizados pela sua passividade e inércia. Temos, assim, que a consciência em certo modo se objetiva na coisa ao apreender o refletido como *em-si*. Deste modo, por exemplo¹¹, um indivíduo pode coisificar seu sentimento para uma mulher num amor-estado que serve de referente absoluto para a série de condutas orientadas para ela. O indivíduo "se deixa atuar" por esse amor que parece estar **ali**, como um **estado** seu e que lhe permite dar conta - graças a sua carga de inércia e opacidade - de seu exacerbado otimismo, distrações e impaciência. Coisificando seu sentimento na unidade passiva de um amor-estado, o amante tira do amor a necessidade que este tem de se sustentar numa liberdade: sua própria liberdade com a ampla escala de possibilidades — **suas** possibilidades - que até pode significar pôr termo à relação sentimental. Encontramo-nos, pois, frente a um caso de reflexão impura que encobre a liberdade que toda consciência é. Por isso a reflexão cúmplice é, para Sartre, uma consciência de má-fé, pois, "constitui-se como revelação do *objeto que sou para mim*"¹². O grande problema que carrega este tipo de reflexão cúmplice ou constituente é o de conciliar o caráter compacto e inerente do estado psíquico com as correspondentes vivências experimentadas por uma série de consciências instantâneas que parecem fragmentar **ad infinitum** dito estado. O expediente explicativo de Sartre assinala em direção a um fator do maior interesse: a dimensão do **mágico**. Em efeito, para o nosso autor, a consciência torna **coesa** a pluralidade praticamente infinita de instantes compelindo-la dentro dos limites do correspondente estado psíquico¹³. Porém Sartre reconhece que esta coesão de índole mágica carece, ela própria, de explicação. Por isto, o mágico coloca de manifesto o caráter ininteligível da objetivação da consciência no psíquico concebido como *em-si*.

⁶Lembremos que para Sartre o *para-si* corresponde a consciência e é oposto ao *em-si*; este último é o ser pleno, opaco, maciço, enquanto que o primeiro é todo vacuidade e translucidez. Porém o mais importante é que o *para-si* é **Liberdade e Nada (Néant)**.

⁷N. do T.: O autor do artigo, Dr. Claudio Troncoso, cita a edição espanhola: *El Ser y la Nada*, Tradução de Juan Valmar, Buenos Aires, Ed. Losada, 1966, p. 214. Porém nós temos colocado o texto da edição em português: *O ser e o nada - Ensaio de ontologia fenomenológica*, tradução de Paulo Perdigão, Petrópolis, Vozes, 1997. P. 213.

⁸Cf. EN. ed. cit. lb.

⁹Cf. op. cit. p. 199.

¹⁰Cf. op. cit. p. 200.

¹¹Propomos este exemplo seguindo de perto o correspondente análise sartreano.

¹²N. do T.: O autor cita aqui o texto em espanhol de *El Ser y la Nada* (Ed. Cit. P. 222), e para conferir EN, p. 201. Porém nós temos colocado o texto da edição em português (*O ser e o nada*, ed. Cit.) P. 220.

¹³Cf. *La Transcendance de L'Ego*, introducción, notas y apéndices de Sylvie Le Bon, París, Librairie Philosophique J. Vrin, 1972. pp. 50-51. Ver também EN. ed. cit. p. 206. Mais tarde, no seu estudo sobre Genet (1952) Sartre voltará a se referir a esta "coesão mágica" (Cf. *Saint Genet, comédien et martyr*, París, Gallimard, 1970, p. 520). Consideramos digna de ser realçada a preocupação - em grande medida recorrente - de Sartre pelo mágico. O nosso autor chega a afirmar que o homem é sempre um feiticeiro para o homem (*La Transcendance de L'Ego*, p. 64; Cf. *Esquisse d'une theorie des émotions*, París, Hermann, 1975, p. 58. Na *Crítique de la raison dialectique* (1960) teremos o caráter "feiticeiro" do humano projetado na matéria inerte, até o ponto de que o homem alienado pela matéria trabalhada resultará sendo "definido" como matéria **embruxada**. Cf. **Crítique de la raison dialectique**, precedida por *Questions de méthode*, Tomo I: *Théorie des ensembles pratiques*, París, Gallimard, 1985, p. 329.

Em oposição a esta reflexão cúmplice temos a reflexão pura, que - como adiantamos - se atem ao descritível e, por isso, a os estritos limites impostos pela instantaneidade da consciência. Mas a consciência que se determina a si mesma para seguir os roteiros da reflexão não constituinte correrá um risco de graves consequências: o da lucidez. Lucidez que, inevitavelmente, enfrentará à consciência com sua própria condição de exilada do ser¹⁴. E aqui encontramos-nos com o primeiro obstáculo de importância para efetuar a reflexão purificadora: a própria consciência reflexiva possibilita - dá sua possibilidade - de perder aquela pseudo-densidade ontológica proporcionada pela reflexão cúmplice. Assim, a pura decisão de adotar a modalidade purificadora de reflexão não constitui garantia suficiente de **querer** permanecer nos extramuros da reflexão constituinte e da má-fé. Nada impede que a consciência se reinstale nela e renuncie, assim, ao seu projeto de **conversão**, pois ela tem na reflexão pura sua **conditio sine qua nom**. Mas... em que consiste a conversão?

II

Numa passagem de seus **Cahiers**, Sartre nos dá a seguinte concepção de **conversão**: “A conversão consiste em renunciar à categoria de **apropriação**, que só pode reger a relação do Para-si com as coisas, para introduzir na relação interna da Pessoa a relação de **solidariedade**, que mais tarde será modificada em solidariedade com os outros”¹⁵. Esta apropriação à que se refere Sartre há que entender-lha em referência ao **desejo** do para-si de apropriar-se do Ser, devido a que a realidade humana é, fundamentalmente, **carência** do ser¹⁶. A partir desta perspectiva, o para-si aparece motivado por uma espécie de “ontofagia” que tende a satisfazer sua própria carência. Pois bem, dentro do leque de possíveis parcelas do Ser “apropriáveis” - ou assim consideradas - por o para-si, se encontra a consciência reflexa; porém esta escapa, por princípio, à tendência apropriativa da consciência reflexiva impura. Ante este fracasso, a consciência pode abandonar seu propósito apropriativo para substituí-lo por um afã de recuperação de si mesma em quanto que consciência¹⁷, num plano de autenticidade. Precisamente este novo nível de existência é descrito pelo autor dos **Cahiers** como o **abandono da procura do ser**, tendo em conta que nunca somos nada¹⁸. Sartre projeta esta noção de “autenticidade” no âmbito da **crença**, núcleo vital da má-fé. **Assumindo** que a crença remete, indefectivelmente, a um “crer que se crê” - pois toda crença é consciência (de)

¹⁴Cf. *Cahiers*, p. 500.

¹⁵Op. Cit. Pp. 495-496. (O negrito é nosso). A menos que indiquemos outra coisa as citações da obra sartreana vertidos para o espanhol (N. do T.: e que nos temos vertido do espanhol para o português) são da nossa responsabilidade. No seu diário de guerra, conhecido postumamente como *Les Carnets de la drôle de guerre*, Paris, Gallimard, 1983 (N. do T.: Editado em português: *Diário de uma guerra estranha*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira) Sartre esboça sua doutrina da conversão, em termos de um assumir o que se quer fundar. O que se pretende fundar é a realidade humana; em consequência, assumir essa realidade é reivindicar a **responsabilidade** do que acontece. Temos, então, que a conversão implica assumir a **liberdade** e a **facticidade** (Cf. os *Carnets*, pp. 143-145), posição que o autor manterá invariável em seus *Cahiers*.

¹⁶Esta carencia do Ser - e o correspondente desejo - que ocupa um lugar de destaque no **EN**, estava anteriormente nos **Carnets** (Cf. P. 284).

¹⁷Esta tentativa de recuperação deve se entender em relação com o caráter de **diáspora** da consciência (cf. **EN**. Ed. Cit. P. 176).

¹⁸Cf. *Cahiers*, p. 492. Em outro de seus escritos póstumos, *Verité et existence* - escrito em 1948 -, Sartre adverte que o projeto original da realidade humana pode continuar sendo a procura do Ser, considerando que a conversão simultânea dos seres humanos leva a marca da utopia: só que haveria que inserir esta procura num processo que Sartre chama de “historização”. Porém, a história sempre postergaria a obtenção deste fim. (Cf. *Verité et existence*. Paris, Gallimard, 1983, p. 13).

(N. Do T.: O texto *Verité et existence* se encontra em português: *Verdade e Existência*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira).

crença¹⁹ e, em conseqüência, remete a um questionamento da crença como tal, “a fé virará assunto de vontade e exercício, juntamente com conhecer seus próprios limites. Crer chegará a ser vontade de crer e saber que o crer está limitado”²⁰. Sobre esta nova base, instalada de modo decisivo no plano da autenticidade, a minha crença, por exemplo, na amizade que alguém me professa, será a crença numa amizade em permanente processo de **construção** na que ambos nos comprometemos. Sob este processo construtivo está a eleição intencional de **fazer** uma amizade, eleição que unifica a diversidade de atos nos que se encarna a nossa amizade²¹. Dessa perspectiva, a amizade - como o amor - está no permanente **risco** de transmutar-se na sua negação. Se fixamos a nossa atenção no amor, este já não será apreendido por os amantes como um amor-estado, mas como uma permanente **tensão** sustentado exclusivamente na tensão de **querer amar**. Por isso, será necessário renovar²² o juramento do amor, juramento que não deverá esquecer que unicamente podemos nos comprometer a querer amar. Em conseqüência, no amor autêntico assumimos plenamente a **contingência** do nosso amor, condição que remete a uma contingência de maiores projeções: a de nossa própria existência. Paremos neste importante aspeto da filosofia sartreana.

III

O modo em que a realidade humana se relaciona com a sua própria contingência depende, no fundamental, da perspectiva autêntica ou inautêntica que adote. Se me enfrento a contingência de meu existir a partir do plano do inautêntico, o que estou fazendo é ocultar-me o fato da minha falta de necessidade, pois a contingência me revela a minha **gratuidade** e total falta de justificação. De ali, então, a projeção moral da reflexão purificadora, pois só adotando essa perspectiva poderei assumir plenamente a minha existência contingente. Sartre nos mostra - em seus **Cahiers** - que a partir da reflexão não cúmplice a contingência não tem por que ser motivo de pesadume para a realidade humana; muito pelo contrario, ela constitui a condição necessária da liberdade²³ e, por isso, de nossa ação moral. Sobre essa existência contingente descansa, precisamente, a autonomia do para-si e a possibilidade de coordenar a **facticidade** e a liberdade, aspectos da realidade humana que, na existência inautêntica, se sobrepõem um ao outro no instável processo de mutuo intento de ocultação. Ao advir para o modo autêntico de existência, isto é, ao lograr a **conversão**, reivindicamos a total inconsistência de nosso ser e a nossa absoluta gratuidade. Porem, este ser que está **de mais**, que carece de toda justificativa para estar no mundo; este ser que só existe como **enfermidade do ser**²⁴, enquistado em seu seio “como uma lagarta” - segundo a própria expressão de Sartre -, e como se fosse um “suicídio ontológico”²⁵, encarna uma missão inalienável: **fazer que haja Ser**. A este respeito, o filósofo francês afirma: “A consciência autêntica se capta a si mesma, na sua estrutura mais profunda, como criadora. Por seu próprio surgimento ela faz com que haja um mundo”²⁶. Deste modo, a **paixão inútil de L’Etre et le Néant** se transmutará, no plano da autenticidade que estabelece nos **Cahiers**, numa nova paixão assumida pela própria decisão da realidade humana. Em

¹⁹Cf. EN. Ed. Cit. P. 106. (N. do T.: na edição (ed. cit.) em português corresponde a p. 123) Os parênteses são usados por Sartre para indicar o nível **pré-reflexivo** - originario - da consciência (Cf. op. cit. *Introdução, item III*).

²⁰*Cahiers*, p. 492.

²¹Cf. Loc. cit.

²²Cf. Op. cit. P. 493.

²³Cf. Op. Cit. P. 508.

²⁴Cf. EN. Ed. Cit. p.685.

²⁵Cf. VARET, Gilbert. *L’ontologie de Sartre*. Paris, Presses Universitaires de France, 1948, pp. 54-55.

²⁶*Cahiers*, p. 530.

lugar de se esgotar em seu afã apropriador para suprir sua carência de Ser, o homem despregará sua existência fazendo com que haja Ser... num mundo compartilhado com outras consciências, com outras liberdades que, enquanto me reconheçam como liberdade, não constituem um perigo para mim²⁷. Somente sob esta condição posso escapar ao poder petrificador do olhar alheio, tema que, como é sabido, motiva as que possivelmente sejam as melhores páginas do Ser e o Nada.

Somente captando ao outro como liberdade absoluta posso apreender o **fim** que se propõe alcançar o próximo, fim sempre tingido de **contingência, finitude e fragilidade**²⁸. O inferno abre suas portas²⁹; posso atuar em solidariedade com os outros. Posso me salvar.

IV

Um aspecto particularmente interessante da doutrina da conversão o constitui o verdadeiro **chamado**³⁰ que efetuou Sartre para que assumamos nosso **época**, nossa **historicidade**. O próprio filósofo faz sua essa consigna desde os tempos de sua mobilização, durante a segunda guerra mundial³¹; e não a abandonará jamais.

O assumir a época só pode ser feito na medida em que nosso ponto de vista de nossa finitude e facticidade o permitem. Para isso preciso me situar no plano da reflexão purificadora; só assim posso apreender plenamente a minha finitude e meu ponto de vista. Só de essa perspectiva finita posso me **comprometer** com **minha** época. Desse modo descarto toda tentativa de evasão. Porém, esta situação não exclui a possibilidade que tenho de rejeitar o momento - inserido numa época - em que vivo. Assim, se me corresponde existir no meio duma guerra, sem ser partidário dela posso **viver-la** plenamente em seus diversos aspetos como uma oportunidade de **revelar** o mundo³². No plano da autenticidade conseguida pela conversão morar **quero**, então, assumir a minha época; e o faço no mais completo abandono, próprio de toda realidade humana. Realidade que jamais pode fugir da sua inevitável **solidão**³³, nem da responsabilidade que pelo só fato de estar no mundo leva como inseparável companheira. Existindo na angustia - captação que a liberdade faz de si mesma em quanto que liberdade - sem

²⁷Cf. op. cit. P. 515. Em Sartre temos, então, pelo menos as seguintes paixões do homem: 1) aquela em que se perde para ser Deus tentando a impossível síntesis em-si-para-si (**EN**); 2) a que tem como objetivo que o ser seja (*Cahiers*) e 3) a que o muda da materialidade para o advento da "coisa humana" (Cf. *Critique de la raison dialectique*, ed. Cit. Tomo I. P. 280).

²⁸Cf. *Cahiers*, p. 519.

²⁹"*L'enfer c'est les Autres*" afirma Garcin em *Huis clos* (1944) (cena quinta do único ato da peça). Sartre lamenza o mal compreendida que foi esta frase ("*o inferno são os outros*"). O que o filósofo quis dizer era que, embora o Outro seja o mais importante para o conhecimento que temos de nós mesmos, "se as relações com o próximo são tortas, viciadas, então o outro não pode ser senão o inferno". (Sartre In: CONTAT, Michel e RYBAIKA, Michel. *Les écrits de Sartre*, Paris, Gallimard, 1970, p. 101). Para uma curiosa interpretação da setença de Garcin, conferir KAUFMANN, Walter, *Tragedia y filosofía*, Barcelona, 1978) pp. 393-394.

³⁰O próprio do **chamado** (no seu sentido sartreano, naturalmente) é o pedido que alguém faz a uma outra pessoa "de algo em nome de algo" (*Cahiers*, p. 285), pedido no qual reconheço a plena liberdade do outro, como também os fins que persegue, ante os quais me sinto numa atitude de respeito. Como afirma Sartre, "o chamado é, em primeiro lugar reconhecimento da diversidade" (loc. cit.).

³¹Cf. *Carnets*. P. 224. Conferir também a carta do 26 de outubro de 1939, dirigida a Simone de Beauvoir (Cf. Sartre, *Lettres au Castor et à quelques autres*, tomo I, Paris, Gallimard, 1983, pp. 377-378).

³²Cf. *Cahiers*, p. 505.

³³No seu estudo sobre Baudelaire, Sartre nos proporciona uma "lei da solidão": "nenhum homem pode jogar sobre outros homens o cuidado de justificar sua existência" (Sartre, *Baudelaire*, In: *Obras (Teatro y estudios literarios)*, Buenos Aires, Losada, 1972, p. 875. O trabalho sobre o poeta maldito foi traduzido (para o espanhol) por Aurora Berdández.

pretender ocultar-la, assumiremos a nossa situação e a nossa época reivindicando-as como próprias. Porém, reivindicar não é o mesmo que aceitar; por isso não está excluída a possibilidade que nos esforcemos por **mudar** a situação, por **superá-la**³⁴. Devido a isto, todo projeto de paz forjado no meio de uma guerra exige assumir, primeiramente, **essa** guerra. A mensagem pacifista - de inegável alcance universal - não é assinado por Sartre; não podemos pretender uma supressão da guerra, independentemente de toda época e circunstância. O que sim tem sentido é “querer que o **meu tempo** seja aquele em que uma certa guerra eminente há sido evitada³⁵”.

São muitos outros os aspectos que Sartre desenvolve em torno à conversão, porém não é possível neste espaço reduzido, nos referir a eles. Somente gostaríamos ressaltar que, como resultado dum olhar panorâmico à temática da conversão em Sartre e ao conjunto da sua obra, fica a impressão que o filósofo, quando revela os intrincados caminhos da má-fé - tanto no **L'Être et le Néant** como em seus **Cahiers**, só por citar os lugares mais relevantes -, assume em nosso lugar aquele tipo de reflexão que, como foi dito, requer uma especial disponibilidade de espírito: a reflexão purificadora. Situado nesse plano catártico, Sartre cumpre nele mesmo essa função própria da consciência a que nos referimos anteriormente: a de **revelar** e, em conseqüência, criar Ser. Parece como se o autor de essa inconclusa moral se houvesse proposto chamar a nossa atenção sobre aquele universo de violência e má-fé que nos descreve para que, uma vez conhecido no plano teórico, estivéssemos em melhores condições para evitar cair no inferno das relações inter-humanas tortas e inautênticas, acabando, assim, a nossa alienação³⁶. Seja como for, a meditação Sartreana acerca da conversão é, sem dúvida, um bom antídoto contra a petrificação do pensamento e a esterilidade de todo projeto des-situado. Ficar mais próximo dela não fará mais confortável nosso estar no mundo... porém é possível que o torne mais humano.

6

Concepción (Chile), 3 de novembro de 1991.³⁷

³⁴Sartre, em seus *Carnets*, já destacava a participação ativa da realidade humana na sua situação; Cf. P. 54.

³⁵*Cahiers*, p. 506 (o negrito é nosso)

³⁶Em *Cahiers*, p. 486, o filósofo afirma, precisamente, que o sentido da conversão e a rejeição da alienação.

³⁷O presente artigo foi publicado primeiramente - em espanhol - na *Revista de Filosofía FARO*, nº 2, 1992, Universidad de Playa Ancha de Ciencias de la Educación, Valparaíso, Chile. O presente artigo é uma tradução feita pelo professor da Universidade Mackenzie Jorge Luis Gutiérrez.



REVISTA PRIMUS VITAM

7